



# Julia Konrad

**Estrela das séries nacionais  
mais comentadas da quarentena,  
a atriz mostra uma nova versão  
da fama: consciente e empática**

por paula jacob  
direção de arte  
leticia haag fotos  
joão arraes edição  
de moda fabiana leite



Camisa, **Louis Vuitton**;  
vestido, **The Attico** no  
**Farfetch**. Brincos, **Chanel**;  
meia-calça, **Calzedonia**;  
tamancos, **Arezzo**. Na  
página anterior, macacão,  
casaqueto, brincos, colares e  
porta-batom, tudo **Chanel**



**A** palavra “primeira” marcou bastante o encontro com Julia Konrad: primeira dose da vacina aplicada, primeira capa da atriz, primeira entrevista presencial depois de um ano e meio de *home office*. Ufa! Finalmente deu para sentir uma pontinha de esperança, até os olhos marejarem. O encontro, feito com todo cuidado, diga-se, foi num charmoso café em São Paulo, com *vibe* industrial e muitas plantas. A luz do sol atravessava as enormes janelas de vidro e dava às leoninas um pouco de calor naquela manhã fria de julho. Ela pediu um cappuccino e eu, um chá de hortelã. A ideia era beliscar alguma coisa, mas a conversa fluiu solta por quase uma hora e nos impediu de degustar o menu cheio de ovos mexidos com abacate, e o resto você já sabe.

Nesse tempo juntas, senti Julia atriz, artista, cigana, mulher. Não à toa, aos 31 anos, vive uma fase profissional brilhante. É a Gabriela, de *Cidade Invisível*, série brasileira da Netflix que virou hit inclusive na gringa. Não deve ser à toa também: apesar de ter nascido em Recife, ela se mudou no começo da adolescência para Buenos Aires. O que eram apenas seis meses, para a família administrar de perto o restaurante do avô, viraram dez anos. A veia criativa sempre lá, pulsando. Se aos 3 anos, ela já fazia aula de balé e tirava de ouvido músicas para tocar no seu minipiano, aos 11 então...

descobriu que a TV Globo estava atrás de uma atriz pernambucana que cantasse. Prazer, Julia Konrad. Depois de Janaína, em *Geração Brasil*, ela também foi Valentina (*Sete Vidas*), Ana Cecília (*Malbação: Seu Lugar no Mundo*), Samira (*Rock Story*) e Raimunda (*O Sétimo Guardião*) nas novelas da emissora. Talento + profissionalismo logo a colocaram no radar das séries: a primeira, *1 contra Todos* (2018-2020), da Fox, em seguida *Cidade Invisível* (2020), da Netflix, e *Dom* (2021), da Amazon. Hoje, celebra a carreira em ascensão com um público quarentenado aplaudindo nos Stories a sua atuação, dentro e fora das telas.

Se estivéssemos em 1990, talvez Julia fosse outra, descolada da realidade ou romantizada no contexto de deslumbre da fama. Sorte a minha, sua, nossa que estamos em 2021, e Julia é essa Julia, consciente de seu lugar de destaque e da responsabilidade frente às lutas que escolheu defender – feminismo interseccional, *skin positivity* e combate à violência doméstica, para listar algumas. Claro, sem cobranças de perfeição, porque ninguém nasce pronto. Mas ela sabe: “Errou, assume os BOs, peça desculpas



## “não tenho medo do cancelamento, mas quando erramos é preciso assumir”

Apaixonou-se pelos palcos. A escola tinha um programa de teatro e incentivava os alunos a criar em conjunto musicais para as apresentações de fim de ano – o sonho de toda *30 something* que cresceu assistindo às melhores comédias românticas, sim. Dançou, cantou e atuou até ganhar uma bolsa para estudar em Nova York, depois de formada no colégio. O curso intensivo durou um ano e meio. O começo de um sonho era a Broadway, o deu tudo certo foi o longa independente, *Allure* (2014), sua primeira experiência profissional, que a fez ter certeza da paixão por estar na frente das câmeras.

Curso concluído, o job em festivais de cinema da Europa, e a atriz precisou voltar ao Brasil pelo looping de emprego-agência-visto que só quem viveu sabe o perrengue. Porém, segundo ela, num misto de sorte, preparação e destino, ao pisar em solo recifense

sinceras e faça a mudança acontecer na vida real, não só virtual”. Já pode entrar na fila para a lista de melhores amigos? A voz doce, os olhos esverdeados, o sorriso, a firmeza na fala, as piadas, os assuntos sérios... Julia é tudo isso e mais um monte, e você há de concordar comigo ao ler a entrevista a seguir.

*Quais foram as metamorfoses da pandemia?* Quando a quarentena começou, já estava num processo interno, então foi um “agora você vai enfrentar isso”. Refleti bastante e tive a ideia da carta [sobre a experiência de um relacionamento abusivo, publicada pela Claudia]. Além disso, aconteceram mudanças físicas: meu namorado, Pedro [Marques, empresário], e eu decidimos devolver o apartamento em que morávamos e fomos viver com os pais dele em uma casa super gostosa.



Camisa, **C&A**; blusa e calça, ambas **Juliana Jabour**. Sandálias, **Arezzo**. Na página ao lado, jaqueta, **Another Place**; camisa, **Zara**; vestido, **Isabel Marant** no **CJ Shops**. Brincos e colares, tudo **Chanel**







*Depois de compartilhar a carta, como foi receber o acolhimento de outras mulheres?* Foi bonito, para elas e para mim, porque a gente se valida juntas e sai daquele lugar do “eu tô louca?”. Mas penso que, para além da violência doméstica ostensiva – que é importantíssima de ser discutida –, precisamos falar sobre consentimento. O consentimento é algo 100% voluntário, entusiasmado e com uma certeza verbal.

*Deseja continuar tratando desse tema?* Eu não queria que a troca ficasse só no online. Por isso, chamei a Daniela Menezes, da marca Gostou, para um projeto, ainda embrionário, para ajudar a Associação das Mulheres de Paraisópolis. Junto com a Costurando Sonhos, também queremos

as coisas. Só acho que algumas pessoas se perdem no personagem, xingam, disseminam ódio gratuito. Eu não tenho medo de cancelamento, mas penso que, quando erramos, é preciso assumir os BOs, pedir desculpas, fazer mudanças concretas e crescer a partir disso. Ninguém nasce sabendo tudo, mas isso não é motivo para você se isentar ou deixar de buscar conhecimento para ser um melhor cidadão.

*Quando o skin positivity entrou no feed?* Tenho um problema complicado com acne, que virou uma insegurança. Comecei a seguir outras mulheres que mostram a pele real e entendi o quão importante era aquilo. Mas não podemos trocar uma prisão por outra: antes, era a maquiagem, agora, a pele perfeita e a necessidade de se aceitar a todo custo. Se tem algo que te incomoda, tá tudo bem você resolver.

*E ainda tem o trabalho oficial! Como foi fazer Cidade Invisível?* Fiz o teste em 2019, mas não passei. Cortei o cabelo, peguei as malas e fui para a Europa após o fim de

## “o corpo da mulher ainda é objetificado no cinema”

proporcionar imersões de capacitação de mulheres vítimas de violência doméstica para elas saberem fazer acessórios e administrarem a renda.

*E no cinema, quais mudanças precisam acontecer?* O movimento #MeToo deu às mulheres mais voz e, hoje, as equipes passam por treinamentos. Os últimos trabalhos que fiz, por exemplo, tinham ouvidorias para receber denúncias anônimas. Sempre tive a sorte de estar envolvida com pessoas respeitadas quando filmei cenas íntimas, mas não posso dizer o mesmo do público. Todo esse cuidado no set para chegar na hora da edição e o olhar masculino pautar o que vai para o ar. O corpo da mulher ainda é muito objetificado no cinema brasileiro. O diálogo sobre como as cenas de sexo chegam na audiência precisa existir. Eu duvido que os colegas homens recebam as mensagens que eu recebo diariamente no meu Instagram...

*Como lida com as redes sociais?* Vivemos um momento muito incendiário, tudo é motivo para pauta – e temos mesmo que discutir

*O Sétimo Guardião.* Voltando das férias, a produção da Netflix me ligou pedindo que eu voltasse para um novo teste, dessa vez com Marco [Pigossi, protagonista], porque tiveram um imprevisto com a outra atriz. De cara, rolou um clique. Fui aprovada, mesmo com o cabelo raspado [risos].

*O que espera da próxima temporada?* Espero que o tema da proteção ambiental seja ainda mais explorado, porque estamos vivendo um momento delicado no Brasil em relação à Amazônia. Precisamos conscientizar a população. Além disso, a produção está trabalhando com os povos indígenas para os novos episódios, após eles fazerem reivindicações supervalidas.

*Além de atriz, você também canta. Existem planos para a carreira paralela?* Eu canto por causa do teatro musical, então sempre foi algo atrelado à interpretação. A vontade de explorar esse outro lado existe, tanto que fiz duas músicas, *Vuelve* e *Coiores*. Sonho em fazer um EP, mas a atriz vai vir sempre na frente. **©**

Blusa e saia, ambas  
**Giorgio Armani**; blusa,  
**CeliaB** no **CJ Mares**;  
jaqueta (no chão) **Isabel  
Marant** no **CJ Shops**.  
Brincos, **Chanel**; meias,  
ambas **Lupo**; botas,  
**Okoko & Abel**





“Não podemos trocar uma  
prisão por outra. Antes, era a  
maquiagem, agora, a necessidade  
de se aceitar a qualquer custo”



Blusa, body, macacão e  
pulseira, tudo **Chanel**.  
Na página anterior, trench  
coat, camisa, calça e colar,  
tudo **Dior**.

Beleza: Jake Falchi, com  
produtos Chanel. Set  
designer: L Set. Produção  
de moda: Carolina  
Albuquerque. Assistentes  
de fotografia: Naelson de  
Castro, Joe Santos e Daniel  
Araújo. Assistente de set  
designer: Rafael Candido.  
Assistente de beleza:  
Maria Agata Ignácio.  
Tratamento de imagem:  
Bruno Rezende. Produção  
executiva: Octavio Duarte  
(ODMGT). Assistente  
de produção executiva:  
Bruna Andrade, Camareira  
e manicure: Juliana da Silva.  
Agradecimentos:  
Fazenda Cana Verde  
e 3T Equipamentos.